

A MÃO NEGATIVA

Rio de Janeiro, um ano qualquer no futuro

Uma cidade parcialmente submersa, esvaziada da presença humana.

Aqueles que sobreviveram à grande onda no verão de 2074, mal puderam fazer face, no ano seguinte, às tórridas temperaturas que assolaram capivaras, macacos e homens sem fazer distinção. Jamais houve notícia, por esses costados, de tamanha e irremediável calamidade pública: um êxodo urbano sem precedentes, atroz; sequer Graciliano Ramos ousaria especular coisa igual.

Rumaram ao sul, os desacorçoados, em busca de água fresca, um ombro amigo, temperaturas amenas e uma miragem qualquer; mas só Deus sabe o que calharam de encontrar naquela frenética fuga meridional, fadada ao fracasso como, de resto, toda e qualquer empreitada humana desde tempos imemoriais.

Decidi, então, por puro estoicismo, daqui não arredar o pé. Ficar só, refugiado neste palacete tropical-decadente em meio à mata atlântica – sempre e a cada dia mais rala –, envolto pelas memórias que acompanharam os anos difíceis que dediquei a mim mesmo e aos poucos que aqui vinham dar, em busca de um segredo incrustado na gruta, na torre, no aquário, na oca ou mesmo no Corcovado (esse morro que daqui se avista, e se pode alcançar caso seja o desejo subir a ladeira danada, seguir logo em frente e dar de cara com Ele, que a mim, pobre-bicho, e à minha propriedade, sempre fez questão de dar as costas).

No princípio, contava os dias como Penélope, tecendo o emaranhado de minha própria memória e mesclando aqui e ali um bocado de ficção. Mas acabei por perder a conta dos séculos que se arrastavam, e assim entreguei-me ao prazer de observar as insidiosas mudanças na natureza, em meu semblante e nas adjacências deste palacete.

Coisas e criaturas deram para aparecer, brotando do nada, surgindo das sombras, ocupando meus jardins e cômodos como se delas fossem. E era sempre à noite – ou melhor, à hora do lobo – que sucediam tais mágicas, deixando-me cumulativamente mais e mais intrigado. Espécies nunca antes vistas, seres medonhos, vozes ininteligíveis assombravam-me sem descanso nem piedade.

Jamais com eles intentei entabular conversa alguma, ou mesmo sorrir, temendo passar por tolo, incapaz de comunicar-me, tal qual turista em terra estrangeira.

Mas muito me agradava perceber que se compraziam ao bisbilhotar minha coleção. Por vezes rearranjavam obras, objetos, pertences e velharias com suas próprias bobagens – pois também eles produziam coisas esquisitas, que a mim, por sinal, nada diziam. Fosse como fosse, esta terra voltava a ser explorada. E qual curiosidade não comandaria os destinos dessa gente?

Bernardo José de Souza